

com
grande
ou a. s.
Jornais,
Imprensa,
artigo publico
no jornal
"República"

Tarragal: nome sinistro.

Cit
muito

O muito que se tem dito sobre o Tarragal, depois da data de 25 de Abril, em artigos, entrevistas, livros e folhetos, ainda não atingiu o cúmulo de que as grandes infâmias como os venturosos eventos precisam para ficarem bem gravados nas imparciais páginas da História. Aliás, os campos de concentração, de trabalhos forçados e de morte lenta portugueses, não foram ainda julgados, como deveria ser, pelas entidades oficiais, impugnando-se-lhes a terrível missão de que foram revestidos. Essas prisões espalhadas pelo País e pelo Ultramar, essas vastas redes de repressão, tiveram ao seu serviço inúmeros funcionários, que tão bem (ou tão mal) se desempenharam das missões de que os encarregavam que conseguiram fazer desaparecer no seio da morte inúmeros indivíduos cujo único delito era o de dissentir dos critérios autoritários que os ditadores infligiam para matar ou não deixar desenvolver-se, no povo, o espírito de livre acordo e de livre aceitação, a que hoje como sempre, se chamou democracia. Por detrás

deses funcionários, pasmai!, erguia-se todo um completo Sistema penal, com juizes corruptos julgando, policia feroz prendendo e massacrando e equipas de vigilantes, médicos e carrascos, exercendo profissionalmente a horrorosa missão de liquidar os prisioneiros. Toda esta aparelhagem da repressão, desenvolveu-se macabra mente à semelhança das instituições normais desde a época em que Salazar, em entrevista a Antonio Ferro, declarava desplacientemente que apenas se tratava de uns Sagarões.

Ora, na hora em que o país, o povo, auxiliado pelas forças militares, se libertava, foram justamente vencidas e aprisionadas as forças policiarias no momento existentes - Pides &gs. - , mas o inquérito devia ter ido mais longe, havendo que retroceder a tempos anteriores, para investigar o paradeiro deses funcionários criminosos que através de dezenas de anos, em nome de uma falsa lei e de uma falsa ordem, exterminaram tantos inocentes e deixaram estropiados os que conseguiram sobreviver. Onde se encon



tram os médicos que insultaram a Medicina, ao serviço da Opressão, os juizes, que conspurcaram as suas togas nos tribunais; os militares e os guardas que embeberçaram as suas fardas transformando-se em cêrberos da pior espécie, nunca por Dante imaginados!

O meu amigo Alberto dos Santos Januário, duplamente meu amigo, pelo seu próprio valor intrínseco, e por ser filho de Arnaldo Simões Januário, a quem acompanhei por Terras de exílio e deportação, e que me excedeu em heroísmo, combatividade e sapimento, é autor do Depoimento póstumo, que bem se pode atribuir a seu valeroso Pai, que o escreveria se fosse vivo, e, já falecido, está dentro do conceito admitido como válido, em que os Mortos falam, os Mortos mandam. No Depoimento, que entrego a este jornal, para publicar, vêm estampados para a História os nomes dos algozes: deixai-os ficar, para que, recordando os esbirros, as vítimas sintam um pouco a satisfação de gozarem a justiça a que têm direito. Sinto, porém, que essa justiça

ainda não se concretizou num movimento geral em que se consagrasse o Sacrimento e o valor de tantos cidadãos. É quanto a cada passo se fazem consagrações a heróis da Guerra que se bateram ou maresem pela Pátria ou a heróis do trabalho, que as Empresas timbram em reconhecer, para maior glória própria, seria justo que se criasse para os heróis e mártires da Repressão Policial de Salazar e Marcelo Caetano e sua "centoupage", um Serviço Nacional de condecorações, actuais e póstumas, pública e solenemente atribuídas, e tudo isto antecedido da ilibação de culpas a que têm direito post mortem.

De todas estas considerações, se conclui a satisfação e o orgulho que tenho por ter recebido do Alberto o depoimento póstumo e que não consigo esquecer.

Leiria, 8 de Agosto de 1974

Francisco Quintal

N. R. Este artigo foi publicado em tempo no jornal "República". Aqui inserimos novamente te convencidos de que Tasmantas infâmias jamais serão esquecidas.